



Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

PIB brasileiro cai 4,1% em 2020, o pior resultado em 25 anos

As Figuras 1 e 2 trazem os resultados do crescimento do PIB brasileiro nos quatro trimestres de 2020, segundo dados das Contas Nacionais Trimestrais divulgados pelo IBGE. Em cada figura, o gráfico da esquerda apresenta os dados pela ótica da oferta, enquanto o da direita retrata os resultados pela ótica da demanda.

A economia cresceu 3,2% no quarto trimestre na comparação com o trimestre anterior, segundo resultado positivo nessa comparação. Em valores correntes, o PIB brasileiro foi de R\$ 7,4 trilhões em 2020.

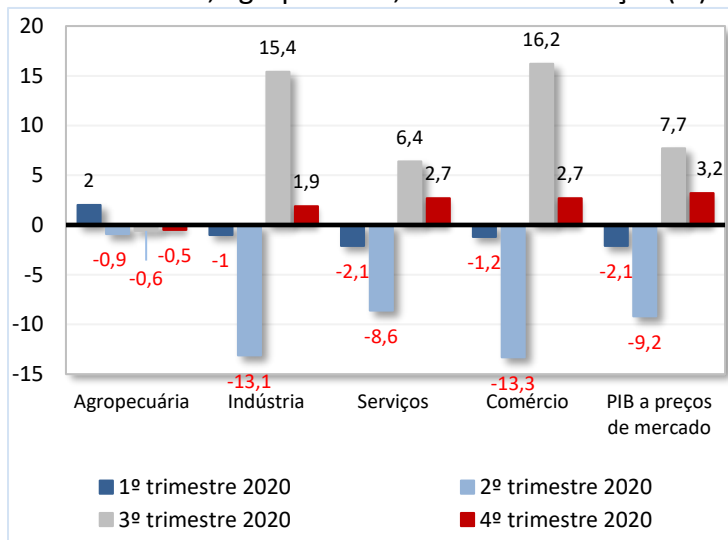
Pela ótica da oferta, o resultado foi puxado pelo crescimento na *indústria* (1,9%) e *serviços*

(2,7%). Na *indústria*, o resultado positivo refletiu o aumento da produção na *indústria de transformação* (4,9%). No setor de *serviços*, destaque para *outras atividades de serviços* (6,8%), *transporte, armazenagem e correio* (6,2%), *informação e comunicação* (3,8%) e *comércio* (2,7%). A *agropecuária* recuou 0,5% devido ao ajuste de safra, como aponta o IBGE.

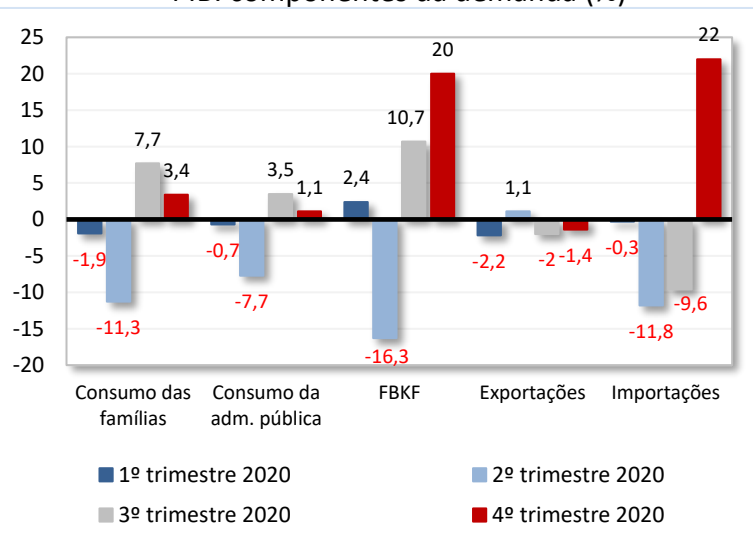
Dentre os componentes da demanda, destaque para *investimentos* com crescimento de 20%. Consumo das famílias e os *gastos do governo* também tiveram alta, 3,4% e 1,1%, respectivamente. Já as *exportações* recuaram 1,4%, enquanto as *importações* aumentaram em 22%.

Figura 1. PIB do Brasil: Taxa trim. contra trim. imediatamente anterior (%)

PIB: Total, agropecuária, indústria e serviços (%)



PIB: componentes da demanda (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.

No ano, o PIB caiu 4,1% frente a 2019 (Figura 2). Essa foi a menor taxa da série histórica iniciada em 1996, interrompendo três anos consecutivos de crescimento. Dentre os grandes setores, apenas a *agropecuária* (2,0%) registrou

crescimento. A alta no setor foi puxada, pelo crescimento da produção e ganho de produtividade na *agricultura*. Destaca-se o crescimento na produção de *soja* (7,1%) e *café* (21,6%), que alcançaram produções recordes na série histórica.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

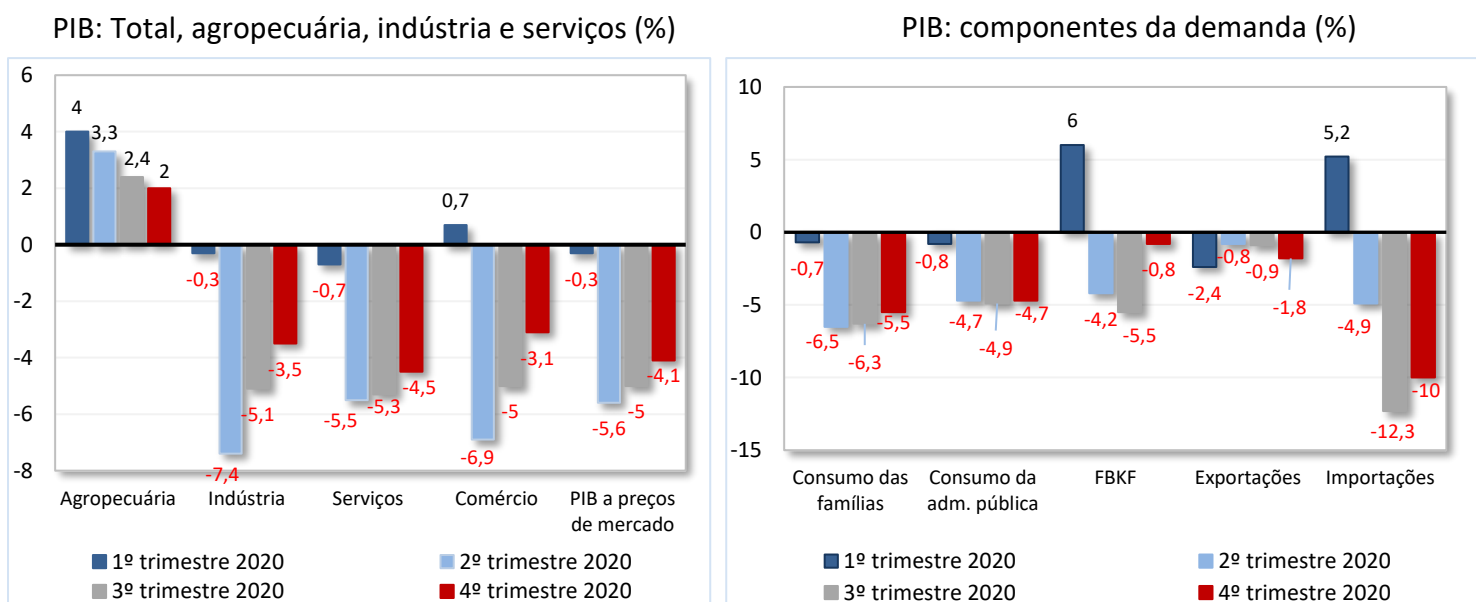
Na indústria houve queda de 3,5%, com o pior resultado no segmento da *construção* que teve retração de 7,0% em 2020. A *indústria de transformação* (-4,3%) apresentou variação negativa influenciada, principalmente, pela queda na *fabricação de veículos automotores; de outros equipamentos de transporte, confecção de vestuário e metalurgia*.

O PIB dos *serviços* encolheu 4,5% frente a 2019, com destaque para a queda de *outras atividades de serviços* (-12,1%), que incluem os serviços prestados às famílias, como restaurantes, academia, hotéis e *transporte, armazenagem e correio* (-9,2%).

Pelo lado da demanda, houve retração em todos os componentes, com o pior resultado do consumo das famílias (-5,5%). Segundo o IBGE, o resultado decorre, principalmente, da piora no mercado de trabalho e do distanciamento social para conter o avanço da pandemia.

Os gastos do governo recuaram 4,7% em 2020, refletindo o fechamento de escolas, universidades, museus e parques ao longo do ano. Os investimentos caíram 0,8%, após dois anos de crescimento. As importações e as exportações recuaram 10,0% e 1,8%, respectivamente.

Figura 2. PIB do Brasil: Taxa acumulada ao longo do ano (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.



Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

Indústria

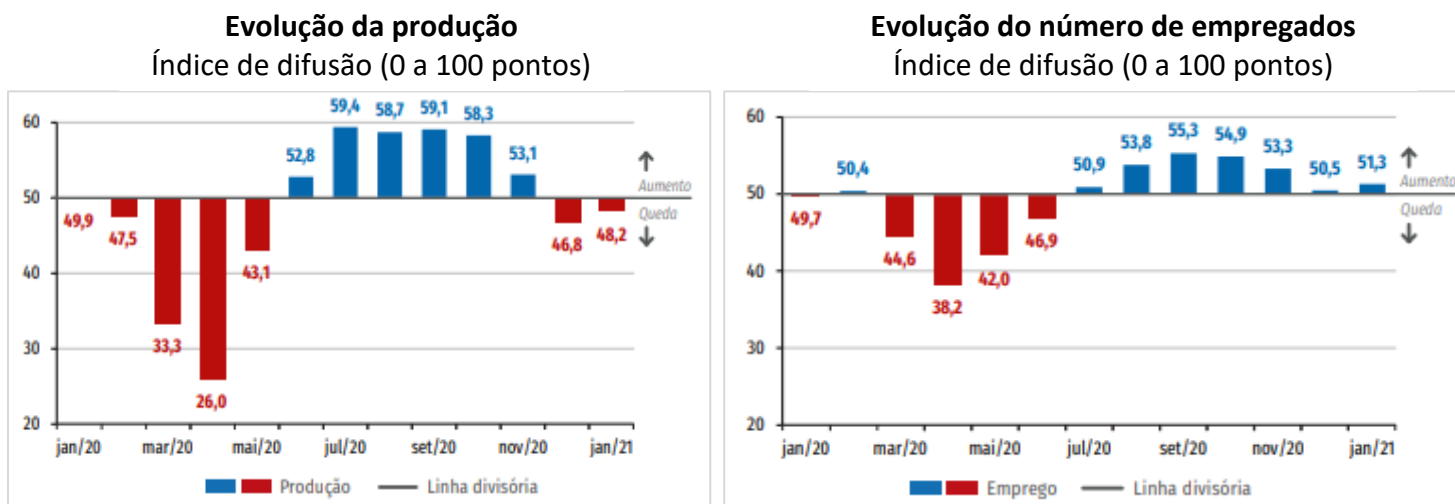
A Figura 3 apresenta dados do setor industrial divulgados pela Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Nos gráficos, valores acima de 50 pontos indicam aumento na comparação com o mês anterior e valores abaixo dessa linha indicam redução na mesma base de comparação. Quanto mais distante dos 50 pontos maior e mais disseminada é a variação.

O índice de evolução da produção atingiu 48,2 pontos em Jan./21, o que revela queda na produção neste mês na comparação com Dez./20.

Por outro lado, o número de empregados na indústria aumentou nessa mesma base de comparação, conforme retratado pelo índice de evolução que ficou em 51,3 pontos, completando o sétimo mês consecutivo de alta.

Segundo a CNI, mesmo com a queda, a produção industrial se mantém em nível relativamente elevado devido à produção mais aquecida dos últimos meses de 2020, o que também explica a alta do emprego em janeiro.

Figura 3. Indústria: Produção e Emprego



Fonte: Sondagem industrial/CNI. Jan./2021

Nota: Valores acima de 50 indicam aumento na produção frente ao mês anterior. Valores abaixo de 50 pontos indicam queda da produção frente ao mês anterior. Quanto mais distante dos 50 pontos, maior e mais disseminada é a variação.

Retomada da confiança dependerá da velocidade da vacinação no país

A Figura 4 apresenta os índices de confiança do consumidor, indústria, serviços, comércio e construção civil, conforme dados divulgados pela FGV. O índice de confiança do consumidor teve alta de 2,2 pontos em Fev./21, atingindo 78

pontos. Após quatro meses de queda, houve melhora tanto da percepção dos consumidores em relação ao momento presente quanto das expectativas para os próximos meses. Segundo a FGV, o início da campanha de imunização contra a Covid-



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

19 no país e a possibilidade de retorno do auxílio emergência podem ter contribuído para a alta.

No entanto, a confiança ainda é baixa e a manutenção da tendência de alta depende, entre outros fatores, da velocidade de vacinação, da evolução dos números da pandemia no Brasil, da recuperação do mercado de trabalho, da evolução da relação Dívida Pública/PIB, além das trajetórias da inflação e dos juros.

Na indústria, a confiança recuou pelo segundo mês consecutivo indo para os 107,9 pontos, com queda de 3,4 pontos em Fev./21. Como aponta a FGV/IBRE, a retração reflete diminuição da satisfação dos empresários em relação ao momento atual e da redução do otimismo em relação aos próximos meses. Ainda segundo a FGV/IBRE, a insatisfação pode ter sido influenciada pelo período de interrupção dos benefícios emergenciais, além dos preços mais elevados das matérias primas.

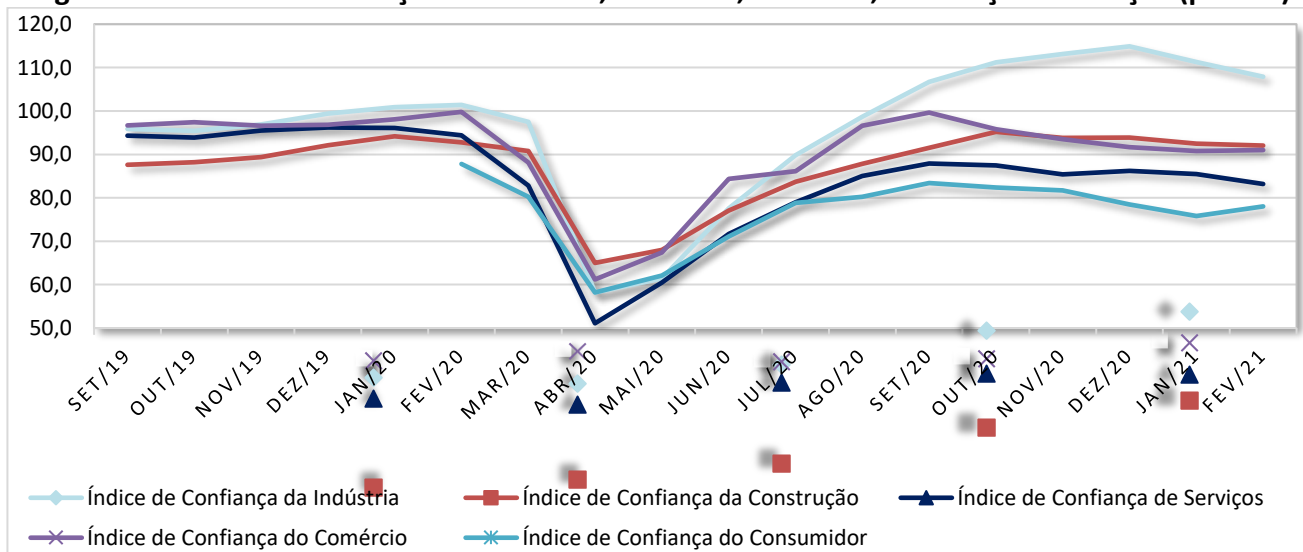
O índice de confiança dos serviços caiu 2,3 pontos, chegando aos 83,2 em fevereiro. Segundo

a FGV/IBRE, o recuo foi influenciado pela piora na percepção do volume de serviços prestados no mês e das expectativas com os próximos meses, sendo os serviços prestados às famílias o mais afetado na pandemia.

A confiança do comércio teve ligeira alta de 0,2 ponto em Fev./21, interrompendo uma sequência de quatro quedas consecutivas e chegando aos 91 pontos. No entanto, é preciso cautela na análise do resultado, pois os empresários do setor avaliam piora no ritmo de vendas e o cenário atual não é animador. No entanto, expectativas sobre novos programas de auxílio do governo, avanço da vacinação e melhora na confiança do consumidor podem contribuir para a recuperação das vendas ao longo do ano.

O índice de confiança da construção recuou 0,5 ponto em Fev./21, segunda queda consecutiva, atingindo os 92 pontos. Além das expectativas, houve piora na percepção em relação ao ambiente atual dos negócios, com aumento dos preços dos materiais de construção.

Figura 4. Índices de Confiança: consumidor, comércio, indústria, construção e serviços (pontos)



Fonte: IBRE/FGV. Período: Set./2019 a Fev./2021.



Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

Desaceleração nos preços dos alimentos e queda na energia elétrica contribuem para alta menos intensa nos preços em janeiro

A Tabela 1 apresenta dados da inflação, mensurada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), para os meses de Dez./20 e Jan./21. Segundo o IBGE, o IPCA de Fev./21 ficou em 0,86%, acelerando em relação a Jan./21, quando a alta foi de 0,25%. Essa foi a maior taxa para o mês desde 2016, quando o IPCA foi de 0,90%.

Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, oito tiveram alta em fevereiro, com destaque para *transportes* (2,28%) e *educação* (2,48%). Juntos, os dois grupos contribuíram com cerca de 70% do resultado do mês. A alta nos transportes foi puxada pelo aumento nos preços dos com-

bustíveis (7,09%). A gasolina (7,11%), individualmente, contribuiu com cerca de 42% do índice do mês. Etanol (8,06%), óleo diesel (5,40%) também registraram alta expressiva.

Destaque para a desaceleração de 1,02% em Jan./21 para 0,27% em Fev./21 no grupo *alimentação e bebidas*. Contribuíram para essa desaceleração a batata-inglesa (-14,70%), tomate (-8,55%), leite longa vida (-3,30%), óleo de soja (-3,15%) e arroz (-1,52%).

No ano, o IPCA acumula alta de 1,1% e, nos últimos doze meses, de 5,20% puxada pelo grupo de *alimentação e bebidas* (15,0%).

Tabela 1. IPCA - Variação mensal, acumulada no ano (%)

Geral, grupo, subgrupo, item e subitem	Variação mensal (%)		Variação acum. no ano (%)		Variação acum. em 12 meses (%)	
	jan./2021	fev./2021	jan./2021	fev./2021	jan./2021	fev./2021
Índice geral	0,25	0,86	0,25	1,11	4,56	5,20
1.Alimentação e bebidas	1,02	0,27	1,02	1,30	14,81	15,00
2.Habituação	-1,07	0,40	-1,07	-0,67	3,56	4,39
3.Artigos de residência	0,86	0,66	0,86	1,52	6,98	7,78
4.Vestuário	-0,07	0,38	-0,07	0,31	-0,72	0,39
5.Transportes	0,41	2,28	0,41	2,70	1,12	3,66
6.Saúde e cuidados pessoais	0,32	0,62	0,32	0,95	2,15	2,05
7.Despesas pessoais	0,39	0,17	0,39	0,56	1,07	0,93
8.Educação	0,13	2,48	0,13	2,61	1,10	-0,09
9.Comunicação	0,02	-0,13	0,02	-0,11	3,32	2,98

Fonte: IBGE.

Conclusões

Em 2020, a economia brasileira sofreu a maior retração da série histórica iniciada em 1996. A produção industrial caiu no início de 2021, mas o ritmo mais aquecido do setor nos últimos meses de 2020 possibilitou aumento no número de empregos formais no início do ano.

A melhora na percepção dos consumidores frente ao início da campanha de imunização contra o Covid-19 e a continuidade do auxílio emergencial contribuiu para o aumento na confiança em fevereiro, após quatro meses de queda.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

*Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto*

Contudo, na maioria dos setores da economia houve queda na confiança.

Os dados dão um breve panorama da conjuntura nacional, evidenciando dificuldades de recuperação econômica num cenário adverso e sem perspectivas de grandes melhoras. A retração na atividade econômica foi recorde, apesar da indústria ensaiar alguns bons resultados.

A inflação voltou a acelerar em fevereiro, puxada pelos transportes, pressionando para uma retomada da trajetória de elevação da taxa básica de juros em um momento em que a economia se encontra debilitada. Os alimentos continuam pesando no bolso das famílias que sofrem com o alto desemprego, queda na renda real e demora no retorno dos auxílios do governo.

Outro ponto importante é a situação delicada da dívida pública em relação ao PIB que

tende a piorar com os efeitos negativos da nova onda da pandemia na economia que pressiona por mais auxílio e reduz a arrecadação via impostos. A trajetória de crescimento da dívida pública em relação ao PIB piora os fundamentos da economia, pressionando ainda mais os juros, com efeitos negativos sobre os investimentos e sobre a própria trajetória da dívida pública.

Tudo isso contribui para arrefecer a demanda e se torna empecilho para a retomada da confiança e dos investimentos. Além disso, a falta de comprometimento do governo federal com um plano nacional de vacinação e o conseqüente agravamento da situação da saúde no país retarda o processo de recuperação econômica e passa a imagem, para os investidores estrangeiros, de um país desorganizado e sem liderança.